

O QUÊ ESTÁ ACONTECENDO DE ERRADO COM AS UPPs?

VINÍCIUS DOMINGUES CAVALCANTE CPP,
o autor, é Consultor em Segurança, membro do
Conselho de Segurança da Associação Comercial
do Rio de Janeiro e Diretor Regional da ABSEG.
vdcsecurity@hotmail.com

As Unidades de Polícia foram uma excelente idéia para a segurança pública no Rio de Janeiro. Inegavelmente foi, em muito tempo, o primeiro exemplo de política de segurança de Estado, a emplacar no território fluminense. O sucesso das UPPs acarretou num dividendo eleitoral fabuloso e aí, como toda boa idéia apropriada politicamente, ela sofreu suas manipulações. Nossas autoridades públicas “venderam” uma pacificação sem conflitos, sem mortes, asséptica, sem danos colaterais, como se aqueles que passaram a vida toda vivendo do crime fossem se contentar em perder a boquinha, por as armas no chão e aderir a uma vida honesta, mas cheia de limitações e sacrifícios. Era o próprio "omelete sem quebrar ovos"...

Mas qualquer um que acompanhasse mais atentamente as ações do crime sabia que isso era irrealizável do jeito que se estava projetando o processo de pacificação. Para dar certo, do jeito que se propunha, só se, a exemplo do velho dito futebolístico do Garrincha, nós combinássemos tudo com os adversários.

Depois de um prudente recuo inicial o tráfico voltou à carga nos locais ocupados pela polícia, com armas de fogo de tipo restrito e até artefatos explosivos. Desde o início do ano, cerca de oitenta policiais já foram assassinados no Rio de Janeiro, sendo que desse total, sete morreram em serviço, enquanto trabalhavam em áreas “pacificadas”. O tráfico soube escolher o momento para sua campanha de terror, a qual ocorre na véspera das eleições. Agora estamos aí contrapostos a essa situação risível: "UPPs: de trunfo nas eleições a ponto fraco do governo do Estado"!

Ninguém, são e sensato, pode se arrogar possuir uma solução simples ou mágica para evitar que tragédias como essa aconteçam. A morte de um policial decente, chefe de família, é algo para se lamentar profundamente; contudo a grande verdade é que sempre soubemos que isso poderia acontecer e irresponsavelmente não nos acautelamos contra essa possibilidade. A solução para evitar, só Deus tem; mas, honestamente, gestores profissionais de segurança e os comandantes da tropa policial no terreno já deveriam ter implementado um conjunto de medidas para aliviar a pressão sobre os policiais que atuam naquelas áreas, premidos por criminosos que intuitivamente vem operando num modo guerrilheiro contra as forças de segurança.

É triste que, quer pela pressão dos políticos, quer pela nossa própria turronece ou mesmo pela incompetência, nós estamos vendo policiais morrendo, o crime forçando uma barra para voltar a impor-se como "O" poder nas áreas pacificadas...e continuamos mantendo táticas convencionais, que em nada vem ao encontro dos mais elevados interesses da segurança dos cidadãos.

Infelizmente parece-me que não conseguimos aprender com nossos próprios erros e nossos próprios cadáveres?

A prática política brasileira no que tange à segurança parece pressupor admitir que as coisas estão sempre sob controle, mesmo quando é visível que não estão. Será que é tão importante fingir que as coisas não vão mal?

Mesmo com toda a pressão de uma mídia que, por vezes, se nutre do sensacionalismo, para a sociedade é menos importante o que os bandidos estão fazendo de criminoso, mas é essencial avaliar se as táticas do Estado para contê-los estão ou não sendo efetivas!

Esses bandidos precisam ser levados pra defensiva com medidas "de efeito", com táticas as quais, paradoxalmente, não precisam de publicidade e de serem minuciosamente expostas nos programas de TV.

Eles, os bandidos, precisam sentir que a maré mudou.

O quantitativo de policiais é francamente insuficiente para a quantidade de ocupações que foram levadas á cabo, e esse cobertor curto impede uma presença policial "em força", durante todo o tempo, como seria desejável. Se o torniquete policial é frouxo, o sangue espirra por onde não há a necessária pressão. Se o efetivo é insuficiente temos de contrabalançar isso com táticas inovadoras e que surpreendam o adversário.

Essas ações do crime precisam ser tratadas com táticas contra-insurrecionais e não com doutrina de policiamento convencional, do tipo que se limita a manter guardas posicionados fixos em esquinas.

Muitas dessas ações contra os efetivos nas áreas pacificadas vem sendo perpetradas por bandidos que ficaram no local por não serem procurados e não terem ficha criminal pregressa. Muitos tem até carteira

assinada ou podem provar que trabalham de forma autônoma, fazendo biscates. O caso "Amarildo" também reflete a inadequação dos meios de que dispunham os policiais para enquadrar tais criminosos sem antecedentes, da mesma forma que exemplifica a falta que um setor orgânico de inteligência faz nas guarnições que operam nas favelas pacificadas. Sabendo do envolvimento do pedreiro e de sua esposa com o tráfico por meio de informes de inteligência, os policiais teriam buscado pressionar o pedreiro para que revelasse o que sabia sobre os depósitos de armas do tráfico e ele veio a falecer. Claro que não estou isentando os envolvidos em crime de tortura (ou mesmo fazendo apologia a esse método de obtenção de informações), mas devemos considerar que não havia, dentre os policiais envolvidos, qualquer acusação de corrupção ou transgressão disciplinar pregressa de natureza grave, que os desabonasse. Contrapostos a uma realidade que lhes atava as mãos, bons policiais teriam resolvido tomar a justiça nas próprias mãos e acabaram pagando caro por isso, comprometendo também a imagem de sua corporação.

Deveríamos infletir contra os bandidos sem ficha criminal e temos de desenvolver operações psicológicas pra intranquilizá-los dentro de casa!

O que estamos fazendo para acuá-los naquele território que eles julgam que seja deles? Há outdoors ou cartazes nos postes concitando os moradores a delatá-los? Carros de som veiculam insistentemente mensagens para quem quiser "entregar" quem são os bandidos e onde eles estão? Estamos fazendo operações sistemáticas para identificar quem seja ligado ao crime e possa estar colaborando nessas ações de guerrilha?

O que fazemos, em regime permanente, para granjear o apoio das populações nesses locais?

Se não estamos conduzindo essa guerra com astúcia, isso tem de mudar!

Nós desaprendemos segurança física de instalações. Tínhamos de dotar os efetivos de instalações defensáveis do ponto de vista da segurança física de instalações. Nós instalamos policiais em aquartelamentos e em delegacias sem as mínimas condições de defensabilidade. Nas unidades de linha de frente põe-se o container lá com água, luz e teoricamente "tá tudo certo", é só trabalhar. Ainda, de quebra, não estimulamos o estabelecimento de procedimentos de guarda, quase que acreditando na idéia da "guerrinha de mentira", devidamente "acamada", em que os bandidos não terão peito de vir caçar os policiais "em casa". Há muito que deveríamos esclarecer aos nossos inexperientes policiais dos riscos que eles correm e do modus operandi covarde dos nossos adversários!

Nas cercanias dos aquartelamentos de lata, devemos construir paredes de tijolos sólidas, de preferência com piso elevado, por trás de onde os nossos policiais, atentos num serviço de sentinela, possam se posicionar em segurança e tenham condições de disparar contra os agressores nessas ações de "toca-e-foge"!

Será que os bandidos conseguiriam se aproximar das posições policiais em veículos não blindados se houvessem lombadas limitadoras de velocidade, cavaletes e policiais atentos, armados e ocupando posições defensivas em condições de rechaçá-los? Temos de ter efetivo em "em condições de" e não relaxados, achando que o serviço no local é "tranquilinho" e que o pior não vá acontecer...

Pensando no risco que pode se materializar a qualquer momento, talvez os plantões tenderão a ser mais desgastantes, mas ninguém deveria ter se iludido com a idéia de que operar num terreno onde o tráfico mandou durante tanto tempo pudesse ser um "faz-de-conta" tranqüilo.

O importante é todo dia votar pra casa vivo e inteiro, e embora isso acarrete custos pro sistema nervoso do policial, é melhor do ver seus parentes chorarem ou que prantear os seus próprios companheiros.

A aplicação prática das UPP jamais deveria pressupor que aqueles que se decidiram por ganhar sua vida de forma ilegal e violenta fossem aceitar se submeter ao prejuízo, sem reação!

Comunidades do complexo da Penha e do Alemão ficaram sob ocupação do Exército durante mais de dois anos e o Estado jamais se preocupou em alargar ruas e vielas nas comunidades a fim de permitir um fácil deslocamento das forças de segurança. Ainda há vias que podem ser obstruídas por um simples fusca, deixado trancado e com pneus arriados. Hoje, se os traficantes se permitirem obstruir uma via estreita, a polícia ficará dependente dos helicópteros ou dos blindados de esteira das forças armadas. Como não se pensou nisso?

Pagamos hoje por opções táticas que certamente não foram muito adequadas e talvez por isso, hoje, em certas questões de inteligência e operações psicológicas nós estamos muitos passos atrás desses criminosos e de seus "aliados" nas associações de moradores e ONGs. E sinceramente, não era pra isso, pois esses sujeitos não são tão bons quanto pensam que são ou sequer tão perigosos quanto poderiam ser. Se alguém duvida, compare o modus-operandi do nosso tráfico com o dos seus congêneres colombianos? Graças a Deus, os daqui ainda tem muito o que aprender!

Engraçado que, quando se abordava em retomada das áreas do crime, sempre se citou a experiência colombiana, reportando seus excelentes resultados; mas ninguém aventou, de verdade, usar as táticas que permitiram aos colombianos chegar onde chegaram. Lá o combate e as ações repressivas eram e são "à vera"; enquanto aqui, eu tenho minhas dúvidas disso!

Quando estava escrevendo esse artigo, no início de setembro, um ex-traficante de drogas, que após cumprir sua pena foi contratado para trabalhar na ONG Afro Reggae (o "Tuchinha", do morro da Mangueira), foi assassinado quando lavava seu austero Land Rover Discovery 2009. Será que ele, que depois da prisão ainda mantinha o gosto pelas jóias e cordões de ouro, teria deixado as atividades ilícitas de lado e estaria vivendo apenas do seu salário

de menos de três mil reais? Eu não imagino se vamos conseguir pacificar realmente essas áreas conflagradas pelo crime, enquanto convivemos com uma sociedade que torna o tráfico rentável com sua dependência das drogas e que acredita na boa vontade de organizações não governamentais cujas contas não resistiriam a auditoria numa C.P.I. independente e séria. Na Rocinha, o Nextel do tráfico era pago com o dinheiro de uma ONG (que se notabilizou por defender o desarmamento dos cidadãos de bem) pelo mesmo líder comunitário que, tempos depois, foi preso ao tentar vender para o chefe do tráfico uma rara versão do fuzil russo Kalashnikov, jamais encontrada anteriormente no Brasil...

Desde as ações da tomada dos morros pelas ações conjuntas de militares e policiais já devíamos tratar o contencioso com a criminalidade não como uma ação repressiva de policiamento ordinário, mas como uma contra-insurreição, onde os grupos de traficantes bem armados agem clandestinamente e são a guerrilha inimiga.

Se o melhor que conseguimos realizar é colocar os policiais novos ocupando posições vulneráveis nas ruas estreitas e mal iluminadas, em veículos não-blindados e containers, será melhor que nos acostumemos, pois ainda teremos de prantear mais garotos novos, muitos dos quais idealistas e vocacionados para a atuação policial, assassinados num enfrentamento no qual já entram com pouquíssimas chances de vencer. Enquanto continuarmos tratando esses casos como problemas do policiamento tradicional nós devemos estar preparados para continuarmos chorando e enterrando os nossos. Podemos fazer melhor, mas precisamos ter coragem política pra tocar o que deve ser feito!

CENTRO DE PESQUISAS ESTRATÉGICAS PAZZINO SOARES DE SOUSA

Universidade Federal de Juiz de Fora

